

Seminário sobre Sistematização – CFES Nacional

04 a 08 de outubro de 2010

Apresentação

O Seminário Nacional sobre Sistematização aconteceu em Brasília, de 04 a 08 de outubro, na Casa de Retiros Assunção. Participaram do seminário 29 pessoas das 5 regiões. O seminário contou com a assessoria de Claudio Nascimento, da RECID.

Neste documento são apresentados os debates sobre sistematização e as avaliações realizadas durante o processo, na perspectiva de que se possa dar continuidade à construção de conhecimento que aconteceu nesta atividade.

“Onde a brasa mora e devora o breu, o seu olhar melhora o meu” Arnaldo Antunes

Sumário

Sistematização: conhecimento e economia	2
Conceito e objetivo	3
Sistematização na economia solidária.....	3
Os desafios	4
Agentes interno e externo.....	5
Por dentro da sistematização: eixo, foco, análise.....	5
Produtos	6
Proposta de planos de trabalho	6
Rede de formadoras-es da economia solidária	7
Sobre o tempo comunidade	7
Planos de trabalho por região.....	8
Região Sul.....	8
Região Sudeste.....	8
Região Norte.....	9
Região Centro-Oeste	9
Região Nordeste	10
Propostas gerais apresentadas durante o encontro.....	10
Avaliação.....	11
Dia 04 de outubro de 2010	11
Dia 05 de outubro de 2010	11
Dia 06 de outubro de 2010	11
Avaliação geral	12
Anexos: Lista de Participantes e Programa da Atividade.....	14

Sistematização: conhecimento e economia

Iniciamos este documento com uma reflexão de Claudio Nascimento sobre modo de produção e conhecimento. A sistematização, como debatido no seminário, possibilita a construção de novos conhecimentos, de reflexão sobre a prática que pode gerar a transformação das/os envolvidos na experiência sistematizada e, para além, contribuir para a reflexão e mudanças em outras realidades que tiverem acesso à sistematização feita.

Se olharmos para cada modo de produção, verificaremos que cada qual tem uma estrutura de conhecimento estabelecida. A economia solidária (ES) propõe outro tipo de economia que não é baseada na propriedade privada, que se realiza na autogestão. A ES é o novo dentro do velho, uma nova economia que acontece dentro do modo de produção capitalista. Sendo o novo, precisamos construir uma outra estrutura de conhecimento. E, tendo uma posição crítica e autocrítica sobre as nossas práticas e teorias, pois o capitalismo se renova, apesar das barbáries, e assimila propostas que surjam no seu tempo.

Nas práticas da ES, o novo está presente e nas suas experiências temos de construir o homem novo e a mulher nova. Mas esta realidade é um pensamento na penumbra, e, o pensamento na penumbra é insurgente. Algumas pessoas ou coletivos podem já ter percebido o que está acontecendo e outras pessoas, que estão vivendo na ES, podem não ter esta consciência, mas assim mesmo está sendo gestada outra economia. O que necessita é sair da penumbra. O pensamento em subversão, que está na penumbra, é o novo que está engravidado.

O pensamento da velha estrutura é eurocêntrico, cartesiano. E continuamos usando o instrumentário do velho para construir conhecimento. Então, quais os instrumentos nós temos para trazer à tona este pensamento da penumbra para fazer a insurgência? Temos algumas propostas, como da Epistemologia do Sul¹, dos povos originários, a propriedade social, o poder feminino.

Muito trabalhamos com o mundo das mulheres, da juventude, dos quilombolas. Estes são mundos que não se expressam (somente) pela escrita. Como trazer o que está na penumbra para a linguagem?

O conhecimento da ciência moderna tem sua base na industrialização. A sistematização se apresenta como uma ferramenta para ordenar o conhecimento e esta definição se relaciona com o modelo industrial que é antagônico à lógica dos povos originários.

E nós, da economia solidária, queremos um conhecimento industrioso, da-o artesão que tem controle do processo de produção. Um conhecimento que se diferencia do industrial que gera a extração da mais valia.

Do velho podemos extrair o novo? Podemos usar ferramentas do velho modo de produção para gerar conhecimento para outra economia? Como podemos fazer a leitura acerca do novo mundo que está surgindo? Como podemos insurgir? Como cada local de trabalho se transforma em local de estudo, no seu cotidiano?

O nosso desafio é reconstruir a sistematização de forma que não se encaixe no sistema hegemônico. Uma sistematização processual, que não acontece somente ao final de uma experiência. Uma sistematização voltada para a devolução para as bases. Uma

¹ Referente ao hemisfério Sul da Terra

sistematização a partir de um foco determinado, mas que, na medida em que experiências são sistematizadas, nascem novos focos. Temos o desafio de unir trabalho com educação, trabalho com política. O desafio de articular saberes. A sistematização do CFES traz contribuições importantes para este debate. Muita gente, que está repensando a construção do conhecimento e sobre como a educação contribui para uma economia autogestionária, está no CFES, junto com o movimento de economia solidária, fazendo uma outra educação.

Conceito e objetivo

A proposta de sistematização está em sintonia com os movimentos de ida e vinda, de acolher e ceder, de captar vários olhares sobre uma experiência.

A sistematização:

- é uma ação sistemática, coletiva, participativa, processual, crítica e que tem uma metodologia própria que se diferencia de registros e relatórios;
- é a organização dos processos a partir das experiências vivenciadas e sentidas pelo grupo.
- como ferramenta para produção do conhecimento, como instrumento para melhorar a prática.

Os objetivos da sistematização estão em observar os processos vividos, qualificar a experiência, socializar o novo conhecimento por meio de várias linguagens, replicar e multiplicar o conhecimento produzido com a sistematização. Ela permite conhecer uma experiência vivida e levar os aprendizados daquele grupo para outros grupos, onde será colocado o 'mais', o conhecimento que foi produzido por outro coletivo.

A sistematização tem começo meio e fim, mas podemos afirmar que é permanente quando na prática o resultado da sistematização provoca mudanças no processo do trabalho. É permanente como processo de construção do conhecimento que traz elementos que respondem questões da prática.. Deve ser permanente: analisar o que deu certo, o que levou a dar certo, o que não deu certo e os fatores que levaram a isto. O objetivo final está na discussão sobre a prática. A sistematização precisa fazer parte de nossa vida, transformando a prática a partir do que se vivenciou.

Sistematização na economia solidária

Quando falamos de sistematização de experiências de educação para uma outra economia e das práticas de trabalho associado, acrescentamos um objetivo: saber se estamos no caminho da construção da economia solidária. Como educadoras-as, nosso trabalho precisa contribuir com este objetivo, provocando reflexões junto às-aos trabalhadoras-es sobre o seu processo de trabalho. E, para isto, temos que sistematizar um leque amplo de práticas educativas que acontecem na ES, com o olhar a partir de uma pedagogia autogestionária, superando a visão bancária da educação.

Assim, além de sistematizar as experiências de educação que ocorrem a partir dos empreendimentos, também temos que analisar as experiências já realizadas por organizações de assessoria, buscando identificar quais as metodologias e perspectivas de educação que efetivamente estamos desenvolvendo na economia solidária.

O debate durante o seminário sinalizou que os empreendimentos não têm preocupação em conceituar/teorizar, porque o seu foco está no fazer. Nesta perspectiva a sistematização apresenta-se como um instrumento de absorção da realidade, com o

objetivo de transformação da realidade. Quando não refletem sobre sua prática, as/os trabalhadoras-as se alienam do seu processo de trabalho, não tomam para si que seu trabalho é um processo seu. Igualmente, o ativismo entre as/os educadoras-es acaba a impedindo a prática de reflexão e prejudicando o projeto de educação que propomos.

O desafio está em fazer a mudança social, não somente as mobilizações e replicar oficinas. Não se pode perder de vista onde se quer chegar, tendo a estratégia de construção política da economia solidária como orientação para sistematizar. E, então, nos perguntamos:

- Qual a proposta política que orienta a formação e ES que o movimento já acumulou?
- Como o conhecimento novo se insere no processo já acumulado?
- Como fazer a intervenção?

Educação e economia solidária se encontram no local de trabalho, nos empreendimentos. Não se trata, portanto, de tirar o pessoal do trabalho para fazer a sistematização, mas fazer no local de trabalho, através de rodas de conversa, por exemplo, para depois fazer uma cartilha (ou outro produto), como nos ensina Paulo Freire. A metodologia é a partilha de saberes, desocultando o que está submerso, que está na sombra. A pedagogia da autogestão acontece no local do trabalho, produzindo conhecimento a partir de nós mesmos para nós mesmos. É conhecimento para ser compartilhado com outros coletivos, para além da experiência sistematizada.

A sistematização contribui para acumular forças e contemplar a melhoria do grupo. No entanto, por vezes, o conhecimento produzido não se faz entender. Por isto, é importante que se garanta o entendimento deste conhecimento pelos empreendimentos, por meio de uma linguagem simples e direta. Não deve ser gerado um documento imenso, que poucos vão ler, mas sim documento que vá ajudar no dia a dia do empreendimento.

Se escrevemos o que fazemos, damos um passo... no entanto, alfabetização é algo muito recente no Brasil e esse é um desafio para a ES: transformar a oralidade no saber sistematizado. Há sistematizações que estão na cabeça das pessoas e como educadoras-es estamos acostumados ao mundo da leitura e da escrita. Assim, estamos diante de um desafio metodológico: trabalhar com outras linguagens na construção da sistematização. Por conta disso, faz-se necessária uma linguagem menos acadêmica para facilitar o trabalho dos grupos (ao mesmo tempo em que precisamos dialogar com o conhecimento acadêmico).

Os desafios

- Na ES se luta para sobreviver e a sistematização fica parecendo um sacrifício: algo além do trabalho cotidiano que já é muito intenso e com baixa remuneração. O desafio está na própria ES, pois o trabalho não dá condições para reflexão sobre o trabalho.
- A sistematização é uma ferramenta que precisa contribuir para a sustentabilidade dos empreendimentos, na medida em que as/os trabalhadoras-as se apropriam de seu trabalho e identificam os próximos passos do projeto que estão gestando.
- Sistematizar demanda tempo e condições para realizá-la, mas não temos recurso para contratar para fazer um agente externo. Quais os recursos, então, que temos? Como os empreendimentos fazem a sistematização sem ter perdas? Como utilizar as atividades de formação do CFES para contribuir com o seu processo?
- No Brasil temos uma cultura oral, o processo de alfabetização é recente. Como vamos transformar esta nossa vivência de oralidade em sistematização, o que os atores sabem fazer, mas não sabem organizar o que está sendo feito?

- Guardar, registrar o vivido na economia solidária pelos grupos: qual é o melhor método para atingir esse objetivo?
- Como olhar a prática pessoal e a prática do outro e trazer à tona o novo?
- Definir os princípios norteadores que dão base para os nossos trabalhos, a partir da prática de cada um-a.

Agentes interno e externo

O debate no seminário afirmou o papel da sistematização na ES: reconstruir e desvelar as novas práticas, reflexões e conhecimentos sobre economia, educação, vida. Assim, quem participa da sistematização são aqueles-as envolvidos-as na experiência a ser sistematizada.

No caso dos-as educadores-as, podemos ser agentes internos e outras vezes agentes externos. Podemos mudar de lugar, pois podemos contribuir na sistematização de experiências onde não fomos participantes diretos, ou sistematizar a nossa prática ou do coletivo que integramos. Nós somos trabalhadores-as da construção do saber, temos que refletir, nos questionar sobre que estamos fazendo... sistematizar a nossa experiência, ser agente interno.

A participação de um agente externo é legítima na coleta de registros, debates e elaboração do produto. Aí entra o debate sobre neutralidade: como será a participação da-o agente externo? Consideramos que sistematizar está relacionado com intervenção social, não existindo neutralidade neste processo. Ao inserir um-a agente na dinâmica da experiência sistematizada, entra também a sua visão de mundo.

Atualmente, identificou-se que as atividades de sistematização da ES são predominantemente de responsabilidade de agentes externos, tanto assessores e gestores. Mas para a ES se transformar uma opção ao capitalismo, as-os trabalhadores-as dos empreendimentos terão que ser os protagonistas (ou autores-as?). Aí está um desafio da ES.

Por dentro da sistematização: eixo, foco, análise

Qual a experiência e em que tempo vai ser feita a sistematização? A vida não para, mas para sistematizar é necessário deter-se num determinado momento da experiência. Não tem como sistematizar tudo, então precisam ser identificados os elementos que podem ser mais importantes para instigar o saber.

Para definir o eixo, podemos nos perguntar: o que cada comunidade entende como mais importante de ensinar para outra comunidade?

Sobre o foco, uma explicação remeteu à máquina fotográfica: há um universo inteiro, mas precisa decidir o que registrar. Para onde vamos direcionar a nossa máquina/força? Nesta definição, resgatamos o autor Oscar Jara: a sistematização é para quem?

Quanto ao objeto, é fazer o recorte mais pertinente.

Como a equipe de memória e registro analisou, houve uma confusão entre eixo, foco e objeto. Isto refletiu nos planos de trabalho apresentados, que seguiram diferentes compreensões.

Os trabalhos em grupo trouxeram elementos sobre o que analisar:

- os efeitos/ respingos do processo de formação;
- o enfrentamento de contradições e tensionamentos dentro da experiência sistematizada;
- dicotomia entre formação técnica e política.

Produtos

O processo de sistematização deve gerar um produto. É a oportunidade e deve-se ter a ética de fazer a devolução desse conhecimento para as bases se reconhecerem. Este produto pode ter diferentes formatos, não se limitando somente à forma escrita, mas também em vídeos, fotos, músicas....

Mas, há dois produtos da sistematização:

- Com objetivo institucional: o conhecimento para ser apresentado num formato que permita a divulgação, seja através de cartilha, vídeo, música, página na internet...; Este produto permite socializar através de várias linguagens a experiência;
- Com objetivo de envolver quem participou no processo, para transformar sua vivência em experiência, sendo a-o narrador-a que conta o início-meio-fim: este segundo produto é a autorreflexão, interação com a experiência, sendo um aspecto mais individual do processo.

Na elaboração do produto se permite substituir o mas pelo e. Agregar e acolher, mostrar as diferentes perspectivas. Quanto mais vozes e olhares, os cacos para o vitral, mais o produto é enriquecido.

Como educador-a, a maior preocupação é com o processo e não com o produto. O produto comunica o aprendizado, socializa, mas não seria o objetivo final. Temos que colocar importância na reflexão da prática e construção crítica, analisando o que foi feito que deu certo e o que não valeu para não se repetir mais.

Proposta de planos de trabalho

Durante o seminário foram apresentadas duas propostas de roteiros orientadores para gerar planos de trabalho, com os seguintes elementos:

- De Elza Falkembach (Cartilha Sistematização – Unijuí, 1991).

Proposta metodológica para a Sistematização:

- Preparando a sistematização de experiências: aproximar os agentes, caracterizar a experiência, definir o foco da sistematização;
- Realizando a sistematização: aprofundar alguns conceitos, organizar as informações, recuperar o processo, avaliar a prática, sintetizar as reflexões, apresentar algumas conclusões;
- Socializando e Realimentando a nossa prática: divulgação da sistematização.

- Da 2ª Turma do Curso Nacional do CFES:

Conceito de Sistematização: A sistematização é um processo de reflexão que parte da necessidade das experiências de se reapropriarem de sua prática com o objetivo de transformação qualitativa dessa prática e socialização da experiência vivenciada. Do ponto de vista de nossos interesses educativos/gestionários, a sistematização:

- é realizada com a participação e controle dos sujeitos implicados na experiência, utilizando os diferentes e diversos registros de seu percurso;
- pode contar com a possibilidade de apoio de atores externos que com seu saberes acumulados em outros espaços que possam contribuir na construção dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento da sistematização
- pretende como resultado produzir uma análise contextualizada que expresse um consenso sobre o percurso vivenciado, que possa ser socializada através de um produto que utilize de diversas linguagens (vídeo, livro, etc).

- Perguntas iniciais: definir o objetivo da sistematização ou para que se quer sistematizar

- Delimitar o objeto a sistematizar: escolher que experiência a ser sistematizada e delimitar tempo e espaço da experiência.
- Definir o eixo da sistematização: que aspectos centrais dessa experiência interessa sistematizar?
- Identificar as fontes de informação
- Elaborar o plano de sistematização: tarefas, responsáveis, participantes, recursos.
- Recuperação do processo vivido: reconstruir de forma ordenada o que sucedeu, tal como se passou; classificar a informação disponível (organizar a informação de forma clara e visível e basear-se em todos os registros possíveis)
- Identificar as etapas
- Reflexão de Fundo: interpretações críticas e por que aconteceu o que aconteceu?

A elaboração dos planos de trabalho, durante o seminário, seguiu roteiros distintos, a partir da trajetória de cada grupo regional. As propostas serão complementadas e discutidas nos coletivos regionais, sendo que as informações apresentadas abaixo são fragmentos dos planos que estão em construção.

A região Sudeste apresentou um plano cuja análise segue questões em três tempos: antes, durante e depois, além do objeto e objetivo da sistematização.

Os planos das regiões Sul e Nordeste contêm eixo, objeto e questões orientadoras para análise.

As regiões Norte e Centro-oeste apresentaram os temas das sistematizações a serem elaboradas.

Rede de formadoras-es da economia solidária

O seminário trouxe para o debate a constituição da Rede de Formadoras-es da Economia Solidária. Seguem considerações sobre a Rede que precisam ser resgatadas em outras atividades do CFES.

- A rede de formadoras-es não pode ser definida de cima pra baixo. A sua constituição e sua sustentabilidade deve ser fruto das discussões dos coletivos.
- A Rede é um processo embrionário.
- A criação da rede, é um suporte importante para economia solidária.
- A rede tem sido exaustivamente debatida na Região Sul. Pra ser uma rede precisa ter estratégias comuns, objetivo comum. Os coletivos da Região Sul se reconhecem como educadores, mas ainda não como rede.
- A rede ainda não está consolidada e a sistematização é sobre o feito e o vivido. Em algumas regiões a discussão está mais avançada. É preciso haver a liberdade de trabalhar as especificidades de cada região. A sistematização pode ser de algo em processo, mesmo inacabado. Portanto a rede pode ser objeto de sistematização.
- Não existe uma só concepção de rede. Precisamos clarear essas diferentes concepções e no processo que estamos vivendo já é uma conquista definirmos alguns aspectos comuns.

Sobre o tempo comunidade

Entre a realização do primeiro módulo e o segundo, em abril de 2011, as/os participantes do seminário terão o período de trabalho na base, onde realizarão a sistematização de experiências de educação e economia solidária. Este momento resgata a perspectiva da

Pedagogia da Alternância. No debate sobre este momento, afirmou-se a necessidade do CFES buscar os acúmulos da Pedagogia da Alternância para aperfeiçoar este período, tornando o processo educativo à distância coerente com as perspectivas da educação e economia solidária.

O CFES Nacional afirmou que o acompanhamento do “tempo comunidade” é fundamental para dar continuidade ao processo formativo do 1º. módulo e para a preparação do próximo módulo. Para isto se propõe:

- criar oportunidades de partilha das vivências do “tempo comunidade” entre as/os participantes: diretamente em eventos ou via blog do CFES. (<http://cirandas.net/cfes-nacional>)
- disponibilização de textos, cartilhas e notícias no blog.
- acompanhamento à distância por telefone e e-mail.

A orientação é de que as sistematizações produzidas pela turma gerem subsídios para outros momentos de formação na economia solidária.

Planos de trabalho por região

Região Sul

Eixo

Formação/educação de formadores-as como parte fundamental do processo Economia Popular Solidária

Objeto

Autogestão da pedagogia: atividades de formação regional e estaduais (cursos, encontros), metodologia

Pedagogia a autogestão: relação com trabalho, território, sustentabilidade

Questões orientadoras

Como ocorre o processo de indicações dos educadores/formadores (EES, entidades apoio, gestores...)?

Como os educadores se reconhecem como tal na dinâmica da ES?

Qual o efeito deste processo educativo na dinâmica da ES?

Como este processo educativo se relaciona com a estratégia política da ESI?

Qual o desdobramento do projeto político pedagógico na perspectiva da rede/coletivos? Sustentabilidade...

Região Sudeste

Objeto: Práticas Educativas em Economia Solidária – CFES – SE

Objetivo: Reflexão sobre a metodologia adotada no CFES Sudeste

Questões orientadoras em três tempos

Antes

Quais os espaços existentes para formação em EPS? Como se davam? Quem executava/realizava? Carga Horária?

Havia formação para os formadores? Quem eram os sujeitos? Qual a metodologia utilizada? Tinha preocupação com a formação continuada?

Como surgiu a proposta do CFES? Como foi pensada a proposta da rede de formadores e formação continuada? Como era a articulação dos formadores? Que processo estava sendo vivenciado pela economia solidária?

O Estado tinha estrutura para as experiências de Formação? (Incentivo, políticas públicas, militância)

Como eram as formações nas feiras? Como era o G.T de informação do Fórum?
Como era o trabalho de Formação das Entidades, EES e Gestores? Havia formação em toda região? As ações de formação estavam pulverizadas? Havia discussão comum sobre metodologia de formação?

Quais eram os atores que faziam formação? Quem era reconhecido como formador?
Quais as expectativas das metodologias?

Durante

Como acontece a escolha dos temas e os procedimentos metodológicos?

Como acontece a integração e a troca de experiência dos participantes?

Há preocupação com a formação continuada?

O material didático tem atendido?

CFES-SE tem conseguido fortalecer /criar coletivos de formação?

Como se deu o processo de formação continuada para a formação da rede ?

Qual o público que participou das atividades formativas do CFES?

Qual metodologia aplicada?

Depois

Em que medida os formadores que saíram das capacitações tem conseguido executar ações formativas em seus espaços?

Os formadores melhoram as práticas educativas?

Esses formadores contribuíram para o fortalecimento dos fóruns?

Houve melhorias na vida dos trabalhadores da EPS?

Formou a rede de formadores?

Qual foi a proposta de formação continuada?

Identidade desde público?

Região Norte

A grande ênfase é a rearticulação do fórum: resgatar história do antes, a paralisação, tudo que aconteceu de errado, as disputas, para refletir a questão atual.

Foi, também, debatido no grupo que objeto poderia ser a rede de formação e a própria formação de formadores, mas cada estado definirá o seu objeto e os encaminhamentos mais detalhados serão dados em encontro regional.

Região Centro-Oeste

A sistematização esteve presente em todos os cursos estaduais e regionais. Em 2009 trabalhou-se na perspectiva de qualificação do relato de práticas e formação na ES. Alcançou-se como resultado vários textos, sendo alguns publicados em uma revista que está sendo reproduzida e outros estarão disponíveis no ciranda.

Em 2010 trabalhou-se com relato das atividades formativas, o foco dos principais eixos que cada atividade realizada e se elencou os passos a serem dados no processo de sistematização. Cada estado se comprometeu em terminar o seu projeto de sistematização que será realizado com acompanhamento do comitê metodológico da região.

- Mato Grosso do Sul: núcleo de base como estratégia para o fortalecimento do movimento de economia solidária;
- Mato Grosso: formação do coletivo estadual;
- Goiás: as práticas educativas em economia solidária;
- Distrito Federal: atividades do CFES.

Região Nordeste

Objeto

Sistematizar como ocorre o processo educativo/pedagógico dentro dos empreendimentos solidários, compreendendo que existe uma heterogeneidade nas práticas dos empreendimentos (grupo de mulheres, comunidades tradicionais, igualdade racial, diversidade sexual, etc...).

Cada estado fará a sistematização de 01 empreendimento durante 2010 a 2011.

Eixo

Como se estabelece a relação entre o processo educativo/pedagógico dos empreendimentos solidários, a partir de sua organicidade, necessidade e compreensão formativa, e a proposta metodológica do CFES, tendo em vista a qualificação e o enriquecimento dos processos educativos tanto no CFES quanto nos empreendimentos solidários.

Perguntas orientadoras

Como os empreendimentos se organizam para sua auto-formação? Dias de encontro/reunião?

Quais as parcerias estabelecidas outros processos formativos? Quais as necessidades? O que tem refletido?

Como estão os processos com os agentes externos? Que atividades já aconteceram? Como elas se estabeleceram? Quais as análises críticas a partir do olhar do empreendimento com os agentes externos? Como se estabelece as relações de poder? De educação popular? Qual o olhar da formação em relação as questões práticas e políticas?

Que mudanças foram identificadas na relação com agentes externos? Que mudanças foram identificadas na relação empreendimento e comunidade? Qual a concepção política organizativa? Sentem necessidade da formação política?

Como se organizam com outros empreendimentos? Fazem parte de algum fórum/redes? Essa formação leva a necessidade de organização política? Parcerias, governos, conselhos, associações, entidades...?

Propostas gerais apresentadas durante o encontro

- Enviar por e-mail e colocar no site do Cirandas os documentos sobre as temáticas desenvolvidas no seminário: CFES Nacional.
- Respeito à produção do conhecimento gerado pelo CFES: apresentar proposta de retorno das produções feitas pelas-os participantes dos cursos nacionais.
 - 2º. módulo: a) socializar os trabalhos realizado nos estados para perceber como estão fazendo o processo de sistematização, se precisa melhorar ou qual a experiência vivenciada por um grupo de pessoas. O avanço se dará a partir da exposição do que estamos fazendo na condição de aprendente e ensinante. b) publicar as sistematizações feitas por este coletivo para divulgar fora.
- Fazer feira de amostras de sistematização.
- PPP: primeiro capítulo do livro do livro de Telmo Adams contribui para o debate.
- Fazer uma proposta para o próximo governo de política pública para educação e economia solidária: quando pensamos na política pensamos num instituto mantido pelo governo ou uma escola que fosse assumida pelo movimento. CFES é uma política pública, que não é política pública: tem recurso público, mas é executado por entidades.

- Convidar Elza Falkembach para reelaborar a cartilha utilizada no seminário: fazer revisão a partir das discussões feitas na economia solidária.
- Conhecer a abordagem elaborada pelo IBASE para análise de fluxos: gargalos das experiências, fluxos de saberes, quais os caminhos para os saberes, fluxos de poderes, como se tomam as decisões.

Avaliação

A avaliação aconteceu durante os 5 dias de curso, tendo sido propostas diferentes dinâmicas para a reflexão sobre o processo vivenciado.

Dia 04 de outubro de 2010

Dinâmica com 3 gravuras em papel pardo: carinha contente, séria e triste. Cada participante escolhe qual a figura representa melhor sua avaliação em relação ao dia 04 de outubro de 2010.

Entendimento (contente): O grupo se disse contente, feliz e animado desde a chegada, mesmo algumas pessoas passando momentos difíceis, porém já estão integrados ao grupo. Consideram que o conteúdo está tranquilo, em processo de construção e, por não estar fechado, vai sendo construído no coletivo. A atividade está sendo um processo de respeito mútuo de todas as pessoas.

Dúvida (séria): O grupo coloca que na gravura teria que ter pontos de interrogação. Chegaram com uma expectativa enorme de compartilhar, porém tem-se clareza que é um processo e sempre é desafiador. Há uma necessidade de mediar, temos que vivenciar a desconstrução de mundo onde ninguém manda e ninguém obedece. O prazer de desvelar.

Muita dúvida (triste): Expressam que estão com muita curiosidade positiva com o que está sendo construído. E ponderam que no coletivo há o uso da tecnologia em excesso. Torcem para que o uso de notebooks seja em favor do curso, para que as pessoas estejam de corpo inteiro e também para não se angustiar por utilizar.

Dia 05 de outubro de 2010

Dinâmica realizada no pátio, em torno de uma árvore. Cada participante foi convidado a colocar seu nome numa tarjeta e fixá-la numa parte da árvore que represente sua avaliação do dia anterior. Colocar o nome na raiz significa que está se sentindo no início do debate ou que ainda não entenderam o que estamos fazendo aqui. Se fixar no tronco, é porque se sente assimilando o debate, que está em construção de conhecimento. Se colocar nos frutos, é porque já tem um acúmulo nos temas do encontro, que está frutificando.

Dia 06 de outubro de 2010

Dinâmica com um caminho desenhado num papel pardo. Cada participante escolheu um local no caminho para desenho seu pé e, dentro deste desenho, escreveu uma palavra que representasse o seu momento dentro do seminário em relação ao conhecimento construído. Após, aquelas-es que quiseram puderam falar sobre o seu momento, expondo sua avaliação. As falas explicitaram diferentes visões do processo e as ansiedades quanto à condução dos trabalhos. Várias questões foram levantadas tais como:

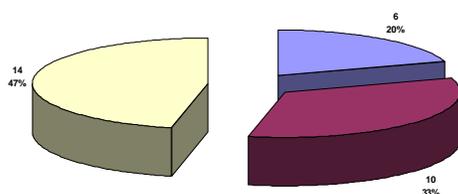
- A proposta apresentada durante a apresentação dos acúmulos do movimento de economia solidária no tema educação, na qual o coletivo foi convidado a registrar durante a exposição observações e questionamento em tarjetas foi questionada. Aquilo que foi escrito nas tarjetas não foi considerado para análise nem no plenário nem nos grupos de trabalho da tarde do dia 05 de outubro;
- A autogestão é um processo e, portanto, não está pronto e acabado;
- O indivíduo não pode crescer sozinho, cuidar para que o trabalho seja em grupo e não individual;
- Até que ponto estamos jogando os conflitos para debaixo do tapete? Como trabalhar os conflitos e contradições dentro do grupo? A avaliação está sendo levada em conta pela equipe de mediação pedagógica ou se perde?

Ao fim das observações dos participantes, Isabel lembra a letra da música “A toda hora, a todo momento, de fora pra dentro, de dentro pra fora.” E comenta para trabalharmos a nossa humildade, diminuindo nossa arrogância.

Avaliação geral

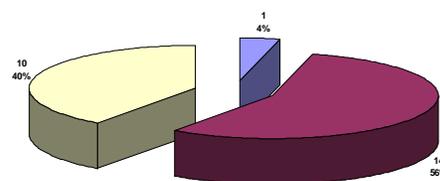
Para a avaliação no final do encontro, a equipe de avaliação apresentou gráficos com a tabulação das avaliações feitas nos dias anteriores, tendo sido assim representado:

DINÂMICA DAS CARINHAS 05/10



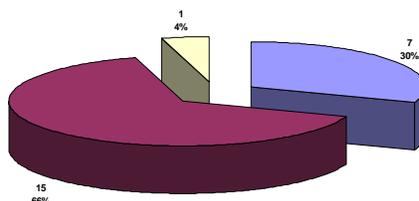
■ MUITA DÚVIDA ■ DÚVIDAS ■ TRANQUILO

DINÂMICA DA ÁRVORE DIA 06/10



■ RAÍZ ■ CAULE ■ FRUTOS

DINÂMICA DA ESTRADA DIA 07/10



■ INÍCIO ■ MEIO ■ QUASE LÁ

A equipe também propôs que para a avaliação geral do encontro, cada participante

escrevesse uma carta (para si mesmo ou para um-a amigo-a) contando sobre sua experiência durante o curso. Após o almoço, a equipe animou a escrita e leitura de algumas cartas. Abaixo uma síntese dos aspectos avaliativos apresentados nas 12 cartas escritas.

Encontro

O encontro foi muito bom e proveitoso. O relacionamento com os demais participantes foi muito bom. Muitos debates, divergências e convergências, conflitos teóricos que, inclusive, antecederam a atividade. As divergências não têm sido trabalhadas com tranquilidade.

O encontro possibilitou tomar conhecimento do trabalho dos CFES Regionais e Nacional. A participação de representantes do CFES na reunião do FBES com o governo federal foi positivo.

Metodologia

Ambiente pedagógico estava muito propício para a construção do conhecimento. Construção coletiva, aprendemos uns com os outros a pôr em prática a autogestão e a democracia. O acúmulo de aprendizado será muito importante para o fortalecimento da ES.

A coordenação deixou transparecer disputa de propostas, o que causou desgaste e quebrou um pouco o ritmo do trabalho.

Foram apresentadas propostas novas para avaliação no processo.

Necessidade de:

- ter uma assessoria especializada no tema para não haver confusões em torno do que é a sistematização.
- fazer análise de conjuntura.
- deixar as “práticas” falarem para construir uma proposta (de formação?) de forma mais coletiva.
- aprofundar como “ensinar” o coletivo a sistematizar/ ter segurança para trabalhar sobre sistematização no coletivo.
- alternativas para cumprimento dos horários.

Infraestrutura

Falta de ventiladores no local do encontro.

Lanches repetidos, com muito biscoito.

Continuidade

Seminário contribuiu para reforçar a articulação dos-as participantes nos regionais e estaduais.

Necessidade de planejar a continuidade do projeto.

Aprofundar e delinear nossa postura político-pedagógica: a própria sistematização, o CFES (articulação e política pública), rede de educadores-as, articulações com Fórum ES e outras organizações, pedagogia da autogestão e da alternância.

Anexos: Lista de Participantes e Programa da Atividade

Lista de Participantes

Educador-a	Estado	Contato*
CFES NORTE		
Wanderley Batista de Carvalho	Tocantis	
João Batista Oliveira dos Santos	Amapá	
Maria Geovana da Silva Rodrigues	Rondônia	
CFES NORDESTE		
Alzira Josefa de Siqueira Medeiros	Pernambuco	alziramedeiros@gmail.com
Isabel Cristina Forte	Ceará	isabel_forte@htomail.com
Neilan Spinelli	Pernambuco	
Walmira da Penha Rosa	Piauí	walmirapenha@yahoo.com.br
CFES CENTRO-OESTE		
Dilma Gomes da Silva	Mato Grosso do Sul	
Dalva Cristina do Nascimento	Mato Grosso	
Rosangela Goes	Mato Grosso	rosagoes@gmail.com
Joana Darc Aguiar de Souza	Goiás	
Adenilce Maria de Araujo Silva	Distrito Federal	
CFES SUDESTE		
João Lopes Do Nascimento Neto	Belo Horizonte	joalopespessoa@yahoo.com.br
Adalberto Sabino	São Paulo	
Eduardo da Silva Godinho	Rio de Janeiro	godinhoeducardo@hotmail.com
Kadio Serge Aristide	Espirito Santo	kadioa@hotmail.com
Isabel Cristina Alves	São Paulo	isabelcristonaalves@rocketmail.com
Roseny de Almeida	Minas Gerais	ralmeida@marista.edu.br
CFES SUL		
Aline Mendonça	Rio Grande do Sul	nocams@gmail.com
Nilton Floriano	Santa Catarina	florniflor@hotmail.com
Ivanio Dickmann	Rio Grande do Sul	ivaniosocial@yahoo.com.br
Gerson Peixoto Azambujo	Rio Grande do Sul	gersonpeixoto@bol.com.br
Silvano A. Mallmann Filho	Paraná	-
Mari Ane Tromm	Santa Catarina	mtromm@gmail.com
CFES NACIONAL		
Marileia Hillesheim	Distrito Federal	mari@caritas.org.br
Sergio Mariani	Distrito Federal	sermariani@caritas.org.br
Rosana Kirsch	Distrito Federal	rosana@caritas.org.br
Taua Pires	Distrito Federal	taua@caritas.org.br
Claudio Nascimento	Assessor	claudan@terra.com.br

* Educadores-as que não nos enviaram a ficha de inscrição.

Programa Oficina Nacional de Sistematização

Oficina Nacional de Sistematização	Período: 04 a 08 de Outubro	Local: Brasília - DF
Objetivos:	<p>Verificar/aprender com o que está sendo feito em termos de sistematizações pelas organizações (entidades executoras do CFES, empreendimentos, incubadoras, entidades) e formadores.</p> <p>Definir uma política de sistematização para o projeto CFES.</p> <p>Capacitar formadores/as para realizarem sistematização das experiências formativas desenvolvidas pelo projeto CFES</p>	

Segunda-feira – 04/10	Terça-feira – 05/10	Quarta-feira – 06/10	Quinta-feira 07/10	Sexta-feira – 08/10
Manhã –09:00 as 12:00	Manhã –09:00 as 12:00	Manhã –09:00 as 12:00	Manhã –09:00 as 12:00	Manhã –09:00 as 12:00
Recepção dos participantes	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião das Equipes de Co-gestão - Apresentação das Equipes - Apresentação dos coletivos sobre o conceito de Sistematização - Plenária 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião das Equipes de Co-gestão - Apresentação das Equipes - <i>Revisando os acúmulos do movimento de economia solidária</i> - Apresentação de experiência: Sistematização das práticas formativas do Rio Grande do Sul 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião das Equipes de Co-gestão - Apresentação das Equipes - Trabalho em grupos sobre as estratégias regionais para a educação em Economia Solidária - Apresentação por Região 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião das Equipes de Co-gestão - Apresentação das Equipes - Elaboração dos Planos de Trabalho de Sistematização das Regiões - Apresentação
12:00hs - Almoço	12:00hs - Almoço	12:00hs - Almoço	12hs - Almoço	12hs - Almoço
Tarde 14:00 as 19:00	Tarde 14:00 as 19:00	Tarde 14:00 as 19:00	Tarde 14:00 as 19:00	Tarde 14:00 as 16:00

<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos participantes - Dinâmica de registro de expectativa dos participantes - Definição dos grupos de co-gestão - Estudo do conceito de Sistematização - Construção coletiva sobre o conceito de sistematização 	<ul style="list-style-type: none"> - Uma perspectiva de sistematização: cacos e vitrais - Estudo sobre sistematização, a partir de cartilha de Elza Falkembach - Apresentação do debate dos grupos 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho em grupos sobre as estratégias regionais para a educação em Economia Solidária 	<ul style="list-style-type: none"> - Elementos prioritários das estratégias de formação - Apresentação - Debate 	<p>Avaliação e Retorno para os Estados.</p>
<p>Noite: Jantar</p>	<p>Noite: Jantar</p>	<p>Noite: Festa</p>	<p>Noite: Jantar</p>	<p>Noite: Jantar</p>